

Entrevista com Vinicius Santos Cardillo

Dia: 03/12/2022

Local da entrevista: Em Vila Operária

Entrevistadores: Paula Noronha

Vídeo e áudio: Luciane Chagas Brasil.

Paula Noronha: Boa tarde Vinicius, meu nome é Paula, nós somos da FEBF e a gente vai fazer a entrevista com você hoje. Queria começar essa entrevista pedindo para você falar o seu nome completo, sua data de nascimento e o local onde estamos fazendo a entrevista.

Vinicius Santos Cardillo: Vinicius Santos Cardillo, nasci no 24/12/79, nós estamos hoje na Vila Operária, em Duque de Caxias.

PN:É isso aí, tá chegando o aniversário né (risos), pertinho... Deixa eu te perguntar, qual a história da sua família aqui na Vila Operária?

VSC: Meus avós vieram para cá se não me engano final da década de 50, eles vieram de Aracaju, meu avô comprou um terreno aqui e construiu a vida dele com a minha avó, sua esposa no caso, minha mãe e os irmãos dela tudo foram nascidos e criados aqui, meu pai era de Minas e minha mãe o conheceu na juventude aqui, mas a família dele era de Minas, mas a família da minha avó era de Aracaju, e eles vieram para cá. A minha mãe foi nascida e criada aqui, era carioca, o meu pai não, ele era mineiro.

PN:E os seus avós quando vieram de Sergipe, eles vieram direto para cá para a Vila Operária?

VSC: Não, eles foram morar se eu não me engano na Penha, eles ficaram um tempo lá e depois conseguiram comprar esse terreno aqui na Vila Operária.

PN:E você lembra alguma história que os seus avós cantavam sobre Sergipe? Como era? O porquê veio para cá?

VSC: Não, eu não tenho essa lembrança deles.

PN:Entendi. E como foi a sua infância aqui na Vila Operária?

VSC: Foi muito boa, teve altos e baixos né, na juventude teve muitas coisas que quando a gente é mais jovem não é para fazer, só que acaba fazendo, mas depois a gente vai chegando certa idade vai endireitando e vai seguindo o caminho, mas assim foi uma infância bem tranquila, em visto do que eu vejo hoje era menos violento, violência sempre teve mais antes eu achava mais tranquilo, mas tinha muitos amigos, eu perdi alguns amigos quando era mais jovem, na minha faixa de 14 até os 21 foi uma época que eu perdi muitos amigos que se envolveram nas coisas erradas que não tem mais volta né...

PN:Entendi, e qual a lembrança mais antiga que você tem da casa que você nasceu?

VSC: Era tudo de barro a rua, a praça era praticamente só um campinho e um mato hoje atualmente não são mais assim, é bem mais estruturado... Eu lembro que a minha mãe me dava banho em um “tanquezinho” de cimento que estavam construindo o banheiro ainda, então ela me dava banho no tanque de cimento, isso é uma lembrança que eu tenho de três para quatro anos.

PN:Você nasceu aqui na Vila Operária?

VSC: Sim!

PN:Você sabe qual é a história da casa dos seus pais? Aonde você nasceu? Aonde você foi criado? Você se lembra de o que eles falavam sobre a construção da casa, de como foi?

VSC: Então, a casa foi construída no terreno na parte de baixo, uma casa bem simples, bem humilde, aí quando a minha tia e minha mãe começaram a trabalhar eles começaram a construir uma casa na parte de cima do terreno, aí dessa casa eu tenho mais lembrança, essa casa eu comecei a morar a partir dos meus cinco anos. A casa mais antiga eu tenho pouquíssimas lembranças dela, era uma casa bem simples, o chão era de cimento, não tinha azulejo, não tinha piso, nem chave tinha para trancar, só o portão mesmo.

PN:E você se lembra de se seus pais falavam da documentação da casa? Se a casa era legal? Tinha-se a escritura ou se não tinha?

VSC: Sim, tem a escritura, meu avô colocou uso e frutos na escritura, para os filhos usarem os netos, para não venderem.

PN:E você brincava na casa dos seus avós?

VSC: Muito, vivi lá ate os meus vinte quatro ou vinte e cinco anos, e estou lá todos os dias, eu sai de lá hoje e deixei os meus filhos lá, é a minha segunda casa praticamente.

PN:A família ainda mora toda aqui na Vila Operária?

VSC: Sim, mora, na verdade nem todo um tio meu faleceu, o outro mora em Piabetá, e um mora nessa casa ainda. As três irmãs uma que é a minha mãe mora em Piabetá também, a outra em São João e minha tia mora aqui ainda.

PN:Família bem grande né?

VSC: É! São três mulheres e três homens, eu tenho três tios e duas tias.

PN:E como era a relação com os vizinhos e os seus pais? Os vizinhos ajudavam a construir a casa ou eram as pessoas de fora que vinha?

VSC: Tinha época que as pessoas iam bater uma laje e reunia quase a rua toda, eram só virando cimento, tijolos para cima... Os vizinhos graças a Deus eram bem unidos, tem muita falta de água como tem até hoje, antigamente era pior, e lá a minha vó fez um poço então o meu avô distribuía para a rua toda praticamente. Eu lembro quando eu tinha meus dez ou onze anos de idade eu chegava à escola, eu estudava na parte da manhã, quando eu chegava de tarde tinha uma fila de mais ou menos umas vinte pessoas para pegar água, aí o pessoal ia e pegava, antigamente tinha aqueles latões de dezoito litros, o pessoal cortava um pedacinho de madeira, uns colocavam na cabeça e iam carregando, era o jeito do pessoal tomar banho e ter água em casa. E hoje não precisa pegar do poço porque tem bomba, o pessoal vai e liga a bomba e vai jogando água para os vizinhos que não tem, até hoje aqui é assim, só tem a facilidade de não precisar mais puxar a água no poço e tal.

PN:E essa relação de ajudar na obra, era só em relação a sua família ou outros vizinhos também chamavam?

VSC: Sim, chamavam, sempre faziam um mocotó ou feijoada, era sempre domingo, chamavam para bater uma laje para ajudar.

PN:E como foram sendo feitas as obras na sua casa durante a sua infância até a adolescência?

VSC: Sempre a minha mãe e a minha tia pegavam alguém para fazer, porque elas trabalhavam, os meus tios casados saíram e ficaram só elas duas, eu e minha avó e meu avô na época, elas iam trabalhar então elas que ajeitavam a casa toda.

PN:Entendi, e qual foi a mudança que mais te marcou? Assim, na casa, na construção da casa do bairro? O que mais te marcou?

VSC: Bem, do bairro eu acho que quando asfaltaram praticamente todas as ruas hoje, isso mudou bastante, eu lembro que eu tinha que descer o morro e minha mãe amarrava um plástico quando chovia para não sujar, quando acaba de descer o morro ai tirava o plástico e o tênis não ficava cheio de lama para ir para a escola, isso ai era bem marcante.

PN:E qual foi a sua primeira escola? Foi aqui mesmo na Vila Operária?

VSC: Colégio Fluminense, que hoje em dia é o Onelles, foi o primeiro lugar que eu estudei, na época era o jardim, jardim I, jardim II e pré, eu fiquei três anos lá.

PN:E depois você foi pra onde?

VSC: Fui para Unigranrio fiquei do pré até a quinta série, ai eu estudei dois anos no instituto Nossa Senhora da Glória, ai um ano eu morei em 1994 eu morei em Jacarepaguá com a minha mãe na Merque e em 95 a gente voltou porque a minha tia trabalhava muito e não tinha ninguém para tomar conta da minha vó, e minha vó estava bem doente, então a minha mãe voltou para ajudar a minha tia a cuidar da minha vó, ai passou um ano, um ano e meio a minha avó faleceu, mas ela decidiu continuar aqui mesmo.

PN:Você falou que quando chovia o pessoal colocava o saco no pé, como era essa questão de quando chovia? Como o pessoal se virava aqui? Enchia?

VSC: Como a gente mora no morro a gente se livra da enchente, aqui não vai encher nunca, mas as ruas que não eram asfaltadas tinha esse transtorno de tudo com lama quando chovia.

PN:E luz? Esgoto? Como era aqui? Tinha luz, tinha esgoto?

VSC: Olha, na minha época eu acho que já tinha esgoto em tudo, pelo em volta de onde eu morava, o lugar que não tinha eu não me recordo, e luz também, eu lembro que os postes eram de madeira alguns... Isso ai eu lembro!

PN:E como o pessoal ia para o médico? Como era a saúde? Tinha ambulância? Tinha posto aqui dentro da Vila Operária? Ou vocês tinha que ir lá fora?

VSC: Eu não lembro se tinha posto, porque nessa época eu era meio desligado disso ai, mas quando eu ficava doente ou alguém eu lembro muito do hospital Duque e o hospital infantil.

PN:Então geralmente quando o pessoal passava mal para se consultar ia para lá?

VSC: Isso! A ambulância muito pouco, quase não via ambulância, era época que você via que como não tinha uber você só via alguém andando de carro de taxi ou quando passava mal, e alguém chamava um taxi ou compra do mês né, naquela época só se usava taxi para isso, pelo menos a maioria aqui na comunidade.

PN:O pessoal aqui costumava trabalhar com o que? A ocupação do pessoal dos vizinhos era o que? Com obra? Com comércio?

VSC: Ah, eu tenho vizinhos que trabalham em obra, vizinho marceneiro, ambulante, professores, advogados, com dinheiro, tem muita coisa, é um leque muito grande, bem diversificado.

PN:E na sua família?

VSC: Minha mãe se formou em administração, a minha tia era demonstradora de supermercado, depois virou caixa, depois abriu o próprio negócio dela, abriu um comércio e meu tio era letrista, o outro era pintor automotivo, o outro era lanterneiro, também do ramo de oficina mecânica.

PN:Como é que as pessoas a para o trabalho daqui? Tinha transporte? Tinha ônibus? Como é que era?

VSC: Ônibus aqui era bem precário, tinha um ônibus aqui que era a linha 25 de agosto que passava de uma e uma hora mais ou menos para levar o pessoal para o centro, mas

como o ônibus demorava tanto a maioria das pessoas costumavam ir andando. Tinha a Belo Vista que é na parte de baixo e o Santa Tereza, mas assim que passava na porta da minha casa mesmo, mas ele demorava muito, era o 25 de agosto.

PN:E você tem alguma lembrança do Banco Nacional de Habitação? BNH? Ou cada família um Lote? PROFASI? Ou das motinhas da Light? Você tem alguma lembrança desses programas aqui?

VSC: Não. A única coisa que eu me lembro da prefeitura assim era o carro, na época que tinha mosquito, era o carro que passava aqui.

PN:O da Sucam né?

VSC: Isso, o da Sucam, fora isso...

PN:Aqui na Vila Operária você lembra ter visto algum programa de governo ou alguma política pública? Ou alguma intervenção assim do governo na Vila Operária?

VSC: Do governo aqui?

PN:Da prefeitura...

VSC: Só depois assim, mas eu com os meus vinte anos já que chegou a ter algumas aqui em cima e na quadra lá embaixo para tirar documentação, vê o nome no Serasa, mas nada muito além disso, ai.

PN:Entendi. E como você vê a atuação da prefeitura aqui na Vila Operária? Desde a sua infância até os dias de hoje?

VSC: Abandonado... Eu acho que até uma reforma na praça demora muito para acontecer, você vê praças ai em volta de outras comunidades, às praças tudo organizadinhas, tudo limpinha, aqui é um descaso.

PN:Você tem lembrança de algum prefeito, governador ou algum político marcante que foi importante aqui na Vila Operária?

VSC: Se ele foi muito importante aqui, eu já não sei dizer, mas pra mim muito marcante foi à época do Zito, que foi pelo menos a época que ele asfaltou tudo, porque os outros nem isso fazia, entendeu?

PN: Sim, então foi na época do Zito que começou a asfaltar aqui né?

VSC: Sim, as poucas ruas que não estavam asfaltadas ainda ele já foi asfaltando tudo.

PN: E quando você foi se tornando adulto qual foi a primeira casa que você morou quando saiu da casa dos seus pais?

VSC: Morei na Paulicéia na Rua Gastão Reis, aí morei lá por dois anos, depois eu morei em outra casa na Vila Operária na minha rua mesmo por um ano, depois eu voltei a morar por lá por cinco anos, hoje eu moro na Rua Ceará na Paulicéia.

PN: Como você conseguiu a sua casa? Ela é própria, é alugada?

VSC: Eu pago aluguel até hoje.

PN: Já que é aluguel você não mexe em nada?

VSC: Essa casa que eu estou morando atualmente fez um acordo com o dono da casa para eu fazer algumas melhorias e a gente vai abatendo aos poucos no aluguel, entendeu? Para a casa ficar do meu jeito.

PN: Lá você paga luz, você paga água? Paga imposto? Paga tudo?

VSC: Não, imposto não, imposto é com ele. Eu pago luz e água, não só luz, a água é com ele.

PN: E como foram os seus primeiros empregos, até esse que você está hoje? Como foi a sua trajetória profissional?

VSC: Eu comecei a trabalhar com doze anos, varrendo a oficina e catando ferramenta na oficina que o meu tio trabalhava, com quatorze eu fui morar em Jacarepaguá, eu fiquei morando lá e só estudava, quando eu retornei a morar aqui em 95 eu continuei no ramo de oficina, aí fui tentando outras coisas, mas acabei voltando para a oficina, então sou o meu forte hoje eu me profissionalizei em pintura automotiva, e de uns seis anos para cá eu comecei a investir em outro ramo para ter uma segunda renda, eu optei na linha de sonorização, eu montei meu equipamento de som e fiz um curso para ser DJ e estou caminhando nesse caminho também, cheguei ter um nível bem alto de cliente, mas pela pandemia diminuiu e eu tive que voltar para a oficina de novo, como a oficina também ficou ruim eu fiquei no uber e na oficina até me estabilizar, hoje em dia os

eventos estão voltando, estão indo em uma velocidade boa então hoje em dia eu estou conseguindo fazer mais evento, mas eu estou segurando ainda na oficina, então eu estou nos dois.

PN: Você consegue conciliar bem?

VSC: Sim, estou auxiliando bem!

PN: Como você compara o trabalho que você tem hoje com o trabalho que o seus pais tinham quando eles eram da sua idade? Como é que era isso?

VSC: O meu pai separou da minha mãe quando eu tinha seis meses, então eu não sei quase nada do que ele trabalhou, eu realmente conheci meu pai quando eu tinha dezesseis anos, porque ele separou da minha mãe quando eu tinha seis meses, ele voltou depois eu tinha dois anos, mas eu não me recordo ai quando eu tinha dezesseis ele veio, foi quando praticamente eu o conheci, ele estava fazendo curso de enfermagem e passou depois de uns anos ele faleceu, mas ele morreu como enfermeiro. A minha mãe trabalhava em uma empresa, mas eu era muito novo eu não lembro qual era a profissão dela nessa empresa, eu lembro que ela fazia faculdade na Unigranrio, quando ela se formou ela conseguiu um emprego na Unimed ai foi indo e se aposentou lá, hoje nem trabalha mais.

PN: Quem te influenciou mesmo na sua vida profissional foram os seus tios?

VSC: Sim, os meus tios e um primo meu, e como eu já gostava de carro, então uniu o útil e o agradável pelo menos eu estou trabalhando com alguma coisa que eu gosto e tal, e eu fui levando acabou que eu me profissionalizei.

PN: Por quais municípios você costuma circular? Você circula muito em Duque de Caxias ou circula por outros municípios? Qual é o lugar que você mais tem relação?

VSC: Olho, fora de Caxias, eu fico na Penha, Vila Cruzeiro, Olaria, que eu tenho família lá, uns primos meus que moram lá, uns primos de São João, ai visito eles, Madureira pra frequentar o baile charme, zona sul pra ir pra praia, acho que só, acho que da pra fazer tudo em Caxias.

PN: E qual é a diferença assim que você percebe entre esses lugares que você vai que você frequenta e aqui na Vila Operaria?

VSC: Eu acho o comercio aqui... Às vezes eu to em um lugar, ai vou à festa de algum amigo fora daqui, dependendo do horário, se eu chegar aqui 01h30min da manha e for dia de semana eu não vou conseguir comer em lugar nenhum ou tenho que comer onde eu to, ou tenho que dar um jeito de fazer alguma coisa em casa, se eu quiser fazer um lanche alguma coisa já ta fechado, e na zona sul é assim fica tudo aberto 24 horas, zona norte também tem muito lugar que fica aberto à noite todo. Aqui em Caxias pelo menos nessa área onde eu moro acho que tem muita falta disso ai...

PN: Você é uma pessoa que circula assim o RJ todo

VSC: É

PN: Conhece tudo...

VSC: Fazendo eventos eu acabo por determinados eventos que eu já fiz e pelo um tempo que fiquei rodando no Uber, no aplicativo, trabalhei no aplicativo dois anos

PN: E você se considera um morador da periferia?

VSC: É... Sou.

PN: E o que isso significa pra você?

VSC: Uma luta diária...

PN: Você sente assim muita diferença

VSC: É

PN: Do morador da periferia pra quem não mora na periferia

VSC: Muita diferença, até quem mora, por exemplo, você pega, a gente mora aqui hoje dentro da favela, mas na baixada, você pega uma favela da zona sul, as escolas são melhores, o transporte, tem estrutura melhor, só de você sair da baixada muita coisa já melhora...

PN: E como que foi que você se tornou DJ

VSC: Primeiro foi por obra desde novo sempre quis, mas como não tinha tanto acesso como tinha hoje, como internet, antigamente ou você escutava musica na radio, ou você tocava um disco, hoje em dia não, você escuta musica no telefone, a musica que você

quiser a hora que você quiser e os equipamentos de DJ, de som eram muito caro, só que antigamente era mais caro ainda, só que hoje em dia tem mercado livre, tem internet, que ajuda a gente em tudo... Antigamente não tinha isso você comprava na loja comprava de algum conhecido que já era do ramo que já era novo e não era do ramo, então pra mim não tinha muito acesso, depois que eu me profissionalizei que eu já tinha meu salário, tinha minha família, ai falou agora quero ter um espaço pra eu ter o meu obre, vou começar a montar um equipamento pra mim, pra ter meu hobbie final de semana, mas eu vi que ate pra eu ter um hobbie eu teria que aprender alguma coisa, ate pra eu ligar os equipamentos tudinho e eu vi que era muito mais... Ai foi fazendo curso, fui aprimorando e fui investindo ai quando... Na época que teve o impeachment da Dilma eu perdi muito cliente, então eu fiquei com medo e pensei "po preciso ter outra fonte de renda"... Já que eu tava começando com aquele hobbie ali eu vou investir porque querendo ou não a gente mora em um lugar que tem festa diariamente, todo luar tem uma festa, se eu conseguir fazer pelo menos quatro ou cinco festas no mês já vai me ajudar e fui nessa, fui buscando cursos conhecimentos, ai graças a Deus consegui dar uma caminhada legal.

PN: E pra você, qual o papel da arte na sua vida?

VSC: Ah!... É fundamental, porque assim, musico eu sempre gostei, desde novo, e hoje como eu to trabalhando é diferente assim, eu saio de casa de manha pra eu trabalhar pra mim gerenciar uma oficina é diferente de eu sair meia noite pra eu tocar, é um trabalho porque você tem a responsabilidade você tem que tocar chegar La no horário, mas é uma coisa que você faz bem mais leve mesmo você estando cansado de ter trabalhado de dia, você já não considera aquilo dali um trabalho, já faz mais por amor, por prazer.

PN:E qual é a sua relação com os DJ de outros lugares

VSC: Ah! A cada dia que passa você vai conhecendo, tem DJ que eu pensei que eu nunca ia conhecer que era DJ assim que eu só ouvia pela radio, ou só via em baile, eu tive a oportunidade de tocar ao lado, ou tocar na casa dele ou em eventos, isso ai fez muita diferença pra mim. Eu toquei com Rafael que eu lembro de ver ele no programa da furacão cnp dia de sábado, ai nessa época eu morava em Jacaré Paguá ai La não pegava cnpj. Ai pediu pra minha mãe vir pra Caxias na sexta à noite, pra eu ver o programa aqui, todo mundo querendo ver o programa da furacão e La não pegava. Ai falei: "vou pra Caxias, vou ver" vim pra Caxias pra vi o programa, ai voltava no

domingo. Ai um dia fui tocar com ele, pude estar no estúdio dele tocar com dele. Tive oportunidade de conhecer o DJ Malboro, tocar na casa dele, conversar com ele, então tem muitos DJs que eu pensava que eu nunca teria acesso, e eu tive acesso com eles e isso ai é muito gratificante, isso ai pra mim não tem preço.

PN:E assim... Os DJs são uma classe assim unidas?

VSC: Olho eu pensei que fosse mais, eu acho assim como eu não sou muito eu não tenho muito tempo no ramo, eu vejo que assim é muito centralizado, digamos assim, tem uma galera assim que toca na zona sul, essa galera ai... Só quem é de La toca la ou então você tem que ir ali, fazer aquela panelinha, e tal mas como não é muito minha praia... Zona norte, ou a galera que toca musica eletrônica ou a galera que toca em festa de hiphop, é uma galera bem, eu acho que é bem uma galera bem fechada, até mesmo na baixada às vezes eu vejo alguns eventos aqui e vejo uns DJs tocando aqui em eventos da baixada DJs que eu nunca nem vi, não conheço, eu acho que assim, a galera se afasta um pouco pra cada um ganhar seu nome, criar sua identidade, e nisso acho que a galera não se une tanto,

PN:Entendi...

VSC: Não to falando todos, não to generalizando, mas to dizendo alguns. Acho que se a galera se unisse mais poderia ser um movimento que ia ter muito mais força

PN: E quando você era criança até a adolescência, como era o lazer aqui você, sua família, fazia algo com sua mãe... Saia

VSC: Sem Netflix, sem Sky, sem internet, sem celular, mas a gente se divertia, minha mãe gostava de ir pra praia do Flamengo, que não pegava muito transito, que era mais perto do Flamengo, Copacabana, que eu ia com ela pro "Parque Xangai", na penha, acho que tem até já o "Parque Xangai". Minha mãe saia pra trabalhar na Unimed... Ela tinha muita festa na empresa, ai eu ia muito nessas festas com ela tenho muitas lembranças disso, fui a muitas festas com ela, sítios, casas de festas, festas boas e... Quando eu fui começando a ficar adolescente, meus 15 anos comecei a freqüentar as discotecas daqui da área. Tinha a Turnê que depois fechou, reabriu como Pirâmide, depois fechou de vez, tinha a "gypsy" hoje em dia acho que é uma igreja, em frente ao Carrefour no brigadeiro, Clube dos 500, tinha o Baile Funk recreativo, próprio baile daqui da Vila Operaria, tinha um baile que o pessoal chamava de poeirinha que era da

Vila São Luiz, e como o chão era assim, levantava muita poeira, pessoal chamava de poeirinha e... Com 17, 18 comecei a ir pra uns lugares mais longe, frequentei muito baile de galera que era "caravana", caravana da Verônica Costa, ai ia pro "Calten Clube", praça seca, os lugares que eu mais fui à juventude foi baile funk tanto dentro de clube, até sair do clube quando teve uma época que funk foi bem recriminado e começou a ser só dentro das comunidades e ai eu comecei a frequentar as comunidades, que parou de ter baile dentro de clube, por causa de briga, de morte, eu lembro que toda vez tinha noticia no jornal, que morria um no baile, ai lembro que ficaram muito em cima do baile e parou de ter baile funk em clube, só dentro das comunidades e a gente começava a ir

PN:E em relação ao trabalho da sua mãe? Ela te levava lá? Você chegou a frequentar? A ir lá no trabalho dela?

VSC: Fui, a primeira vez que eu vi um computador e um disquete, foi lá. Eu lembro que eu devia ter uns treze anos, vi um computador de uma tela pequenininha, devia ser de doze polegadas no máximo, com a tela toda preta e as letrinhas verdes, o CPU em volta dele deitado. Até uma amiga dela falou assim, toma isso aqui para você, e me deu dois disquetes, eu fiquei todo bobo mas hoje em dia a gente sabe que não serve de nada para gente, mas ela disse, leva para você. É a lembrança que eu tinha. Quando eu fui para lá duas vezes num sábado com ela.

PN:E quais as partes da casa que sua mãe mais ficava?

VSC:Na sala.

PN: E você, qual era a parte da casa que você mais gostava?

VSC: No meu quarto, para poder escutar o som bem alto, fechava a porta, eu tirei até o som da sala e botei no quarto.

PN:E porque você acha que cada um gostava mais dessas partes da casa? Porque sua mãe gostava mais de ficar na sala?

VSC: Minha mãe gostava mais da sala porque ela era mais arejada, aí ela ficava entra a porta da sala, porque ela ainda gostava de fumar à época, e nessa época ela ainda era fumante, hoje ela parou. Aí ela gostava de botar uma cadeira em frente a porta da sala e ficar vendo a novela, e no final de semana ela gostava de acordar cedo, aí eu tinha que

retirar o rádio e coloca-lo na sala de novo, pois ela gostava de escutar as músicas dela arrumando a sala o dia inteiro.

PN:E como que foi você crescer como um menino aqui na Vila Operária?

VSC:Foi tranquilo, mas eu lembro que eu tive que tomar algumas (como é que se diz...) tomar... escolher alguns caminhos, pois uns amigos meus escolheram alguns e não tiveram volta. Caminhos de drogas, de crimes e você estava na frente daquilo ali tudo, você está num baile de favela, de comunidade (hoje eu não frequento muito, mas acho que não deve ter mudado muita coisa da minha época). Você está dentro de um baile um cara passa armado do seu lado, um cara está vendendo droga do outro lado. Então, assim, está tudo do seu lado, a escolha é sua, não é que você é obrigado a fazer, você mora na favela mas você tem a tua escolha. Se você quer trabalhar. Se você quer ter a responsabilidade de acordar cedo. De querer ter um patrão, ou de querer abrir seu próprio negócio, ou de você achar que uma vida mais fácil (eu lembro numa época ainda jovem, que eu queria comprar um tênis, um *mizuno*, um *reebok*, e falavam que só quem era ladrão ou só quem era traficante que poderia ter). Eu falei, não... eu cresci sem ter, mas graças a deus hoje eu estou aí, e eu vi muitos que foram por essa linha de raciocínio, comprou o tênis, mas hoje não está nem vivo para poder contara história, entendeu? É complicado, porque são escolhas que você tem que fazer, eu acho que, não digo que a mulher, acho que para a mulher também tem o lado errado, também tem mulher que faz crime, mas o índice é muito maior de criminalidade é do sexo masculino não é? Então, quando você é mais novo, não porque você mora na comunidade, mas você tem que fazer uma escolha, porque sempre vão abrir portas. Mesmo você morando fora da comunidade, vão abrir... tem isso aqui, tem isso ali. Não! (você)percebe que não é legal e tu vai... Umas você segue outras você vai fechando e continua tua caminhada. Eu fiz isso.

PN:E na sua infância como eram as brincadeiras aqui? Das crianças? Vocês brincavam com as meninas? Os meninos brincavam separados?

VSC: Brincávamos. Tinham brincadeiras onde brincávamos todos juntos. Lembro que tinha pique bandeira, pique pega, pega ladrão, tinha o futebol (que eu nunca fui bom), o pessoal soltava pipa, jogava bola de gude. Quando eu era bem mais novo, (hoje em dia acho que nem existe mais isso), tinha a salada mista, que era os meninos brincando com as meninas, tinha (deixa eu ver aqui)... Eu lembro que faltava luz, e quando isso acontecia o pessoal fazia guerra de ovo. Quando faltava luz era guerra de ovo, e era

guerra de ovo quando alguém fazia aniversário. O pessoal tacando ovo, era horrível isso aí.

PN: Você percebia a existência de preconceito na Vila Operária?

VSC: Olha, aqui dentro não, mas eu já senti preconceito ao estar em outros lugares, e as pessoas verem que você é da comunidade, entendeu?

PN: E em relação a cor, a ser nordestino você percebia algum preconceito?

VSC: Eu graças a deus, eu nunca senti isso assim na pele, eu nunca tive essa falta de sorte de ser discriminado por isso aí. Eu sei que muitas pessoas são, mas eu, graças a deus, no convívio com as pessoas que eu tenho, no núcleo de pessoa em que eu vivo ocorre muito pouco. Eu acho que a maioria das pessoas, a gente se parece, tem a mesma vida (praticamente), então, não tem muito porque ter esse preconceito, não é?

PN: E hoje você percebe muita diferença em relação ao lazer e ao trabalho que existiam à época que você era criança e adolescente?

VSC: Tem, hoje em dia você tem um jovem de dezoito anos que compra uma motinha e vai fazer entregas, na minha época não existiam nem os aplicativos de pizzaria para ter entrega. O açaí... eu fui conhecer o açaí com dezesseis/dezessete anos de idade. Hoje em dia meus filhos já nasceram tomando açaí, quando eu era criança era uma época que eu não me recordo de sair com a minha mãe para tomar um açaí, pizzaria era só no centro de Duque de Caxias. Para ir a uma pizzaria tínhamos de ir ao centro de Caxias. Eu não lembro de chegar pizza lá em casa, até porque lá foi ter telefone em 1995 (eu acho) ou 1996, que a gente foi ter telefone, então para pedir uma pizza sem telefone, não rola. Então, assim, é muito diferente, hoje em dia a criança se diverte dentro de um quarto (você vê um filho sentado dentro de um quarto mexendo no celular, o outro sentado do outro lado mexendo no celular), a diversão hoje em dia é o telefone, não é? Na minha época nem telefone tinha, eu lembro que a gente ficava até de madrugada conversando na rua. Minha mãe me chamava duas horas da manhã para eu entrar, e o pessoal sentado rodeado na praça conversando.

PN: Hoje ninguém que sair de casa para ir para a rua...

VSC: Não... Não... É mais fácil você conversar com uma pessoa, hoje, (eu vejo os jovens) quando eles estão distantes, porque fica um conversando com o outro pelo telefone, do que quando eles se reúnem. Você os vê reunidos, e de repente eles se

afastam e vão mexer no telefone separados. Raramente você vai ver um lugar em que você vai pegar o celular e todos colocam o celular em cima da mesa e os desligam para conversar, isso não vai rolar, isso aí esquece, sem chance...

PN: Ainda vai dar uma briga danada, não é?

VSC: O pessoal vai inventar um milhão de desculpas para usar o telefone. Para ter o telefone ali do lado, só se descarregar e não tiver carregador, só dessa forma, se não, é muito diferente, a juventude de hoje já cresce de uma forma bem diferente. Eu lembro que como eu sempre gostei de música desde muito novo, eu lembro quando eu fui conhecer como mexer num rádio, porque eu estava mexendo nas estações de rádio, aí eu escutei assim: – essa música aqui é legal, eu não sabia nem o que era funk ou uma M-bass [expressão ininteligível] E agora? Aí perguntei meu tio e falei tio gostei da música e ele falou qual o nome da música, falou não sei, então cara tem que ficar na frente do rádio aí pra ver, aí minha mãe foi me explicou, todas as rádios têm programas, então você tem que descobrir qual rádio que era, e qual programa que era, em qual hora e dia. Aí eu fui passando, passando... e fiquei uns quatro dias até achar. Porque na época era um programa na (qual era o nome da rádio?) eu acho que era a Manchete? Era um programa do Marlboro que tocava de quatro as seis, ou de cinco as seis, o programa Big Mix, só que acho que era na rádio Manchete na época. Aí eu comecei a anotar o nome e o horário do programa e comecei a conhecer o rádio, então hoje em dia não... Você fala para o jovem que quero música tal, vai ali, tu vai saber quem produziu a música, que ano, onde que foi gravado o clipe, nome do cantor, nome do produtor. Na nossa época a gente não tinha acesso a nada disso, nada... nada... ou a gente ficava sentado na frente do rádio escutando, ou tu grava tua fitinha K7, para escutar depois, ou tu ia para o baile. Mesma coisa para o cinema, a gente queria ver um filme diferenciado a gente ia para o cinema. Hoje em dia: – Ah daqui há pouco estará na NETFLIX, então não tem aquela ênfase que tinha antigamente. Então como tudo é muito mais fácil, as pessoas não dão tanto valor como a gente dava. Eu lembro que anunciava um filme na Tela-Quente na segunda-feira, e quando o filme era muito bom você olhava na rua e não via ninguém na rua. No outro dia os comentários na escola eram só sobre o filme. Hoje em dia ninguém nem...

PN: Nem vê mais...

VSC: Não vê ninguém falando que vai no cinema, muito raro!

PN:Verdade.

VSC:Só quem gosta muito de ver filmes, que vai ao cinema, hoje me dia

PN:Vinícius, olha! Muito obrigado pela entrevista, e eu queria perguntar se você pode fazer um som para gente.

VSC:Podemos, claro!

[Conversas fora da entrevista]

Lu Brasil: Viajei na sua entrevista

PN:Big Mix eu escutava!